

Introdução

Este trabalho tem como objetivo realizar uma aproximação entre o conceito de espiritualidade e as concepções psicanalíticas de sublimação e pulsão de vida, a partir de análises acerca da vida e obra da pintora mexicana Frida Kahlo.

O presente artigo foi construído a partir de uma revisão de literatura de livros e artigos, tendo como objetivo realizar um estudo acerca do conceito de espiritualidade, relacionado à pintora mexicana Frida Kahlo, e sua maneira de superar os obstáculos da vida através da arte. Para isso foram estudados autores como Boff (1999) que traz o significado de espiritualidade para Dalai Lama; Herrera (2012) responsável por estudos sobre Frida Kahlo, além das concepções teóricas de Freud (1915) sobre os conceitos de pulsão e sublimação.

Além disso, foi realizado um levantamento no site de busca de artigos científicos “SciELO”, através das palavras-chave: “Frida Kahlo” e “sublimação”, em que foram selecionados artigos de autores como Longo (2006), Bastos e Ribeiro (2007) e Nascimento (2010), a fim de acrescentarem maior fundamentação ao presente estudo. Por fim, serão analisadas, de modo detalhado, duas pinturas de Frida Kahlo: “Hospital Henry Ford” (1932) e “Viva la vida” (1954), a partir da teoria psicanalítica.

Vivências de Angústia e Solidão em Cores Vibrantes

Kahlo teve uma vida marcada por episódios trágicos, como a poliomielite que a acometeu na infância. Aos dezoito

anos sofreu um acidente de ônibus que fraturou a sua coluna, deixando sequelas e fortes dores que a acompanharam até o fim da vida, sucessivos abortos, tentativas de suicídio, e frustrações amorosas, especialmente referentes ao marido e também artista Diego Rivera, o que parece tê-la marcado profundamente. Nas palavras de Kahlo: “sofri dois graves acidentes em minha vida. Um em que fui abalroada por um bonde. O outro acidente é Diego” (HERRERA, 2012, p.136).

Em sua obra, observa-se que Frida Kahlo retrata as suas vivências de angústia e solidão de modo colorido e vibrante. Para Longo (2006, p.63) “a arte permite uma transfiguração do horror, da morte em vida, criação; do feio no belo”.

Vê-se então que para a pintora, a arte parece trazer alento para a dor, e é possível inferir que isso possibilitou que ela ressignificasse as dificuldades pelas quais passou, superando-as. Sobre isso, Kahlo considera:

Pintar completou a minha vida. Perdi três filhos e uma série de outras coisas que teriam preenchido minha vida pavorosa. Minha pintura tomou o lugar de tudo isso. (ZAMORA, 2006, p.157).

Assim, é possível relacionar essas questões com o conceito de espiritualidade trazido por Boff (1999, p.21), de acordo com Dalai Lama:

Considero que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para o outro.

Logo, será analisado o conceito de espiritualidade em Frida Kahlo, à medida que suas pinturas promovem a transcendência da artista, evocam a vontade de viver, o contenta-

mento que sobressai em meio à dor, ou uma sublimação, na perspectiva psicanalítica. Nas palavras da artista: “Não estou doente. Estou partida. Mas me sinto feliz por continuar viva enquanto puder pintar” (HERRERA, 2012, p.430).

Arte, Sublimação, Pulsões

A arte pode ser entendida como algo inerente à cultura (PROENÇA, 2007). É também o meio através do qual o artista expressa a sua realidade, e, portanto, recortes do seu psiquismo. Ao analisar passagens da infância de Leonardo da Vinci, Freud (1910, p.98) considerou: “a natureza generosa deu ao artista a capacidade de exprimir os seus impulsos mais secretos, desconhecidos até por ele próprio, por meio dos trabalhos que cria”.

O autor considera ainda que a arte possibilita a sublimação ao ser humano. Para mais esclarecimentos sobre o conceito, é necessário um retorno à teoria freudiana (1915). Ao configurar o aparelho psíquico, o autor descreve a existência de determinados movimentos no psiquismo do sujeito, considerados “pulsões”.

O conceito de pulsão é definido por Freud como “representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique” (1915, p.76). Diferencia ainda a pulsão de vida, àquela voltada para o prazer e a construção, das pulsões de morte, que buscam o retorno ao estado original, a partir da destruição.

Agindo dessa maneira, ambos os instintos¹ seriam conservadores no sentido mais estrito da palavra, visto que ambos estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. O surgimento da vida, seria, então a causa da

¹ Aqui instinto pode ser entendido como pulsão.

continuação da vida, e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências (FREUD, 1923, p.23).

Freud (1915) diz ainda, que as duas pulsões encontram-se juntas e presentes em tudo que é vivo, mesmo que em quantidades diferentes. E, que o objetivo das pulsões é mobilizar o sujeito a fim de obter satisfação, e isso pode ser atingido a partir de um objeto que é variável.

Apesar de ter um único fim, existem várias maneiras de obter a meta de satisfação, e a sublimação seria uma delas. Entende-se que a sublimação está relacionada com a pulsão de vida. Funciona como um destino pulsional sem fins sexuais, voltada para a elaboração dos conteúdos psíquicos pela construção de objetos valorizados pela sociedade.

Logo, na sublimação, os fins não são reprodutivos e a satisfação será atingida através da criação. “As forças pulsionais sexuais são orientadas para outras metas não sexuais, como é o caso da ciência, religião, política e arte” (NASCIMENTO, 2012), o que é algo essencial para a cultura.

A partir de aprofundamento acerca da vida e obra de Frida Kahlo, pode-se supor que ela parece ter se voltado para a arte como meio de lidar com seus conflitos psíquicos. Kahlo teve sua vida marcada por tragédias, que contribuíram com o seu adoecimento físico, bem como com o psíquico, e encontrou na arte algo em que se amparar.

A partir disso é possível supor que os investimentos pulsionais de Frida Kahlo voltaram-se para a construção de belas pinturas, ou seja, a dor foi transformada em algo sublime – uma sublimação. Para Bastos e Ribeiro (2007, p.65):

Em sua estética o desejo impossibilitado de ser expressado no campo da destruição absoluta é presentificado

através do belo. O fenômeno estético entendido pelo que pode ser identificável ao belo, funciona como uma saída, frente ao campo indizível do desejo. Por essa exibição do belo, do belo em seu brilho e esplendor, evita-se o mal, que é do campo da destruição, o campo do desejo, da pura pulsão de morte.

Pulsão de vida e de morte entrelaçam-se na obra de Frida, e para Nascimento “se na maior parte das sua telas, é a pulsão de morte que escolhe a temática, é a pulsão de vida que a leva a pintar – e sobreviver às suas tragédias pessoais.” (2010, p.28).

Vê-se com isso que a pintura é para Kahlo um meio de transcendência em frente às adversidades, é pois, como ela se significa em frente a vida. Para Saad *et al* (2001, p.108)

Espiritualidade é a propensão humana para encontrar um significado para a vida através de conceitos que transcendem o tangível, um sentido de conexão com algo maior que si próprio, que pode ou não incluir uma participação religiosa formal. [...] é um sentimento pessoal, que estimula um interesse pelos outros e por si, um sentido de significado da vida capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes de culpa, raiva e ansiedade.

Ao analisar suas produções isso fica mais claro. Na foto “Hospital Henry Ford”, feito em 1932 após sofrer um aborto, ela retrata-se de forma bastante exposta: nua e ensanguentada, deitada em uma cama voadora.

O ambiente é aberto, deixando-a desprotegida, e vê-se ao fundo o céu azul em contraponto ao cenário industrial. Existem seis objetos ligados a ela por fitas que a sobrevoam, e de acordo com Herrera (2012), simbolizam o fracasso materno: 1. um feto, representando os sucessivos abortos que a jovem experienciou; 2. uma lesma, simbolizando a lentidão do aborto; 3. o osso da bacia, representando os quadris de Frida, atingidos pelo acidente; 4. a orquídea violeta que Diego Rive-

ra deu para ela no Hospital, e de acordo com Frida, era o sexual misturado ao sentimental; 5. a peça de maquinaria, que para o amigo Bertram Wolfe expressava a pressão excruciante da dor (HERRERA, 2012); e por fim, 6. o torso rosa-salmão era como Kahlo imaginava o interior de uma mulher.



Foto 1 – Hospital Henry Ford.

O quadro é impactante pela dualidade ressaltada. O tema do aborto evoca a tristeza, o desespero, entretanto, a beleza da obra, a ludicidade no desenho, as cores vibrantes e o simbolismo presente permitem ao espectador sustentar o olhar. Herrera (2012, p.272) considera:

Com fantasia, cores vivas e desenho charmosamente naïf, Frida distanciava tanto o espectador como o artista do desenho doloroso de sua pintura [...] e o primitivismo de Frida é uma postura irônica que lhe permitiu a um só tempo exibir, mascarar e zombar dos tormentos íntimos de seu próprio eu.

Além disso, é possível entender que pintar esse momento tão doloroso pode ter contribuído para a elaboração

do mesmo, e a diminuição do sofrimento psíquico da artista. Para Diego Rivera “ela pinta ao mesmo tempo o interior e exterior de si mesma, e do mundo” (HERRERA, 2012, p.189).

A pintura passa a assumir uma posição essencial na vida de Kahlo, como se buscasse através dela um pouco de consolo e alegria em sua vida.

Para Herrera (2012, p.184) “[...] a pintura é um antídoto para o fracasso materno, que, para Frida, fazer arte deve ocupar o lugar de fazer filhos”.

O desejo de ser mãe permaneceu frustrado, pois devido a sua saúde frágil, seu corpo não suportava a gestação. Frida passou então a cuidar de animais – muitos deles macaquinhos – e de seu jardim, com a mesma dedicação de uma mãe com seus filhos, que, inclusive, foram inspiração para alguns de seus quadros.

Assim, percebe-se nesses cuidados e nas pinturas que realizava, outro exemplo de sublimação em Frida, na tentativa de lidar com o desejo frustrado de ser mãe. Para Herrera (2012, p.185):

Quando os macacos e papagaios acompanhavam Frida em autorretratos, invariavelmente parecem ser substitutos de filhos. E ela cuidava das plantas de seu jardim como se elas fossem carentes feito crianças. As flores e frutas que ela pintava pareciam vivas, projetando a força da sua obsessão pela fertilidade

A fragilidade física – em contraponto a ousadia de espírito – resultou em uma morte precoce, aos 47 anos de idade. Frida fez diversas cirurgias sem sucesso para amenizar as dores na coluna, teve o pé amputado devido à gangrena, e finou falecendo devido a uma embolia pulmonar, entretanto, isso não enfraqueceu sua personalidade ativa, e apesar de ter seus momentos melancólicos – em alguns destes até mesmo

tentando suicidar-se – Herrera (2012) relata que os amigos a lembravam como uma pessoa espirituosa, e com alegria de viver, segundo a pintora: “Apesar da minha longa doença, sinto uma imensa alegria de viver” (LAIDLAW, 2004).

Em 1954, produz sua última obra “*Viva la vida*” (Foto 2). Para Herrera (2012, p.531):

Na tela, em cujo pano de fundo há um céu azul brilhante dividido em duas metades, uma mais clara, outra mais escura, há melancias, a fruta mais amada do México, inteiras, cortadas ao meio, divididas em quatro, esculpidas, aos pedaços. As pinceladas são executadas com muito mais controle do que outras naturezas-mortas tardias de Frida; a composição das formas é solidamente definida. É como se Frida tivesse reunido e concentrado toda a vitalidade que lhe restava a fim de pintar essa última declaração de *alegría*. Fatiados e cortados, os pedaços de fruta reconhecem a iminência da morte, mas sua saborosa polpa vermelha celebra a plenitude e inteireza da vida.

É portanto, através desse quadro, em que Frida reconhecendo não possuir mais muito tempo de vida, acolhe a morte que está por vir, celebrando a vida, através do seu grande amor: a arte.



Considerações Finais

A partir de estudo acerca de vida e obra da pintora Frida Kahlo, é possível perceber que ela parece ter se voltado para a arte como meio de lidar com seus conflitos psíquicos.

Para Longo: “é quando o sujeito se depara com a própria tragédia, a perda das garantias, que ele pode fazer algo com isto, abre-se possibilidades outras, e o sujeito pode se arriscar e ir além do falo, ou do ideal de completude” (2006, p.70).

Assim, voltar-se para a espiritualidade pode ser uma forma de superar as adversidades. Guimarães e Avezum (2007) consideram a espiritualidade como algo que traz impacto positivo para a saúde física das pessoas, prevenindo doenças e contribuindo ainda para atenuar o sofrimento psíquico. Conforme o conceito de Dalai Lama, trazido anteriormente, a partir da espiritualidade é possível “encontrar a felicidade”, e estar bem consigo e com os outros.

A vida de Kahlo foi marcada por várias adversidades, no entanto, é possível inferir que a pintura possibilitou resiliência à pintora. Longo (2006, p.63) considera que:

Na arte a criação deve passar pela pulsão de morte, pelo nada, pelo vazio. Seria uma forma de presentificar este vazio, criando nele alguma coisa, para que o mesmo não estanque o movimento pulsional. Na criação, o vazio não é rejeitado e nem evitado, o artista ao se deparar com o nada (não-ser), cria o belo (possibilidade de vir-a-ser). Aquilo que é impossível de ser dito em palavras não é impossível de ser expresso na arte. A sublimação é um ato criativo que determina no momento da criação um espaço de exploração.

Como foi dito anteriormente, pulsão de vida e morte perpassam a obra de Kahlo. Seus conflitos psíquicos – dor, angústia, solidão – foram expressos através das suas pinturas.

Contudo, era a vontade de pintar – e viver – , que colaboravam com a sua arte, possibilitando a sublimação, a espiritualização da artista.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Marli M., RIBEIRO, Maria Anita C. Frida Kahlo: uma vida. *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*, v.5, n.2, p.46-76, dez./2007. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/10/FRIDA.pdf>>. Acesso em: 5 de outubro de 2013.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Obras Psicológicas de Freud: edição Standart brasileira*. Rio de Janeiro: Imago: 1996, v. XI.

_____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras Psicológicas de Freud: edição Standart brasileira*. Rio de Janeiro: Imago: 1996, v. XXI.

GUIMARÃES, Hélio Penna, AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Rev.Psiq.Clín.* v. 34, supl.1, p.88-94, 2007.

HERRERA, Hayden. *Frida, a biografia*. Tradução Renato Marques. São Paulo: Globo 2012. 620 p.

LIDLAW, Jill A. *Frida Kahlo*. Tradução Maria da Anunciação Rodrigues. São Paulo.Ática. 2004. (Coleção Grandes Mestres).

LONGO, Adriana. O horror, o belo e o feminino em Frida Kahlo. *Revista Psicanálise e Barroco*, v.4, n. 2, p.59-81, dez./2006.

NASCIMENTO, Giselle Maria Meneses. *Frida Kahlo: entre pulsões*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Universidade Estadual da Paraíba. 2010.

- PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ed. Ática, 2007.
- SAAD, Marcelo, MASIERO, Danilo, Battistella, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências. *Acta Fisiátrica*. São Paulo. v. 8, f.3, p.107-112, abr./jun. 2001
- ZAMORA, M. (Comp.). *Cartas apaixonadas de Frida Kahlo*. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.